

IMPLICAÇÕES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA POR SURDOS

Fernanda Maria Almeida dos Santos
(Uesb)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio
(Uesb)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma discussão acerca da aquisição da linguagem escrita pelos deficientes auditivos através da análise morfossintática de produções escritas por alunos da Escola Lions Clube de Santo Antônio de Jesus-BA, o que se constitui o *corpus* da pesquisa. Embora se observem alguns “erros” nestas produções, argumenta-se que a aquisição da escrita pelos surdos não é resultante de aspectos patológicos, mas é um processo através do qual o indivíduo reflete sobre a língua, transferindo para a escrita a estrutura da Língua Brasileira de Sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Surdez, Língua Brasileira de Sinais, Produções escritas, Heterogeneidade.

INTRODUÇÃO

A aquisição e domínio da linguagem escrita não se limita à simples aprendizagem dos códigos de uma língua, mas é um processo através do qual o indivíduo reflete a respeito dos fatos do próprio sistema de escrita, combinando os elementos de maneira singular. Nesse sentido, a produção de textos escritos pelos surdos na fase inicial flui de modo mais espontâneo, distanciando-se da modalidade “padrão” da língua escrita.

A análise dessas questões levaram-me, então, a desenvolver uma pesquisa sobre a aquisição da linguagem escrita pelos surdos, voltando-me para a investigação das principais alterações morfossintáticas presentes nas

-Discente do curso de Especialização *Lato Sensu* em Linguística Aplicada ao ensino do português da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: f.m.a.santos@bol.com.br

-Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do DELL/UESB – Orientadora do trabalho. E-mail: nirvanasf@terra.com.br .

construções escritas de alguns alunos da Escola Lions Clube de Santo Antônio de Jesus-BA.

Através da investigação desse tema, pretende-se comprovar que os deficientes auditivos não apresentam distúrbios intelectuais, e sim um atraso, na maioria das vezes, no seu desenvolvimento linguístico-cognitivo, devido à grande barreira da comunicação. Argumenta-se que as principais alterações morfosintáticas presentes na escrita dos surdos são normais e significam apenas uma simples manifestação do desejo de reproduzir na escrita a estrutura da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

As diferenças são inerentes ao ser humano, pois, apesar de pertencerem à mesma espécie, os indivíduos estão inseridos em grupos sociais distintos e apresentam características diversas. Mas, apesar da diversidade, construiu-se o estereótipo de que qualquer pessoa que apresenta uma malformação física, sensorial e/ou mental não poderá atingir grandes progressos, sendo posta à margem da sociedade. É o que acontece, na maioria das vezes, com os surdos.

A surdez é uma perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala por intermédio do ouvido. Ela, entretanto, não limita a capacidade do indivíduo para a aprendizagem. Conforme Felipe (2004, p. 5), “ser surdo é poder falar com as mãos e aprender uma língua oral-auditiva através dessas, [...] percebendo o mundo, principalmente pela visão, e isso torna uma pessoa apenas diferente”.

A linguagem é um fator primordial para o desenvolvimento humano, visto que possibilita a comunicação entre os indivíduos de uma determinada sociedade. Mas, de que forma uma pessoa adquire a linguagem? E os surdos, como esses apreendem uma língua? Atravessam os mesmos estágios que um ouvinte/falante?

Tentando esclarecer tais dúvidas, Chomsky (1975) aponta que toda criança nasce munida de algo que se convencionou chamar Dispositivo de Aquisição da Linguagem - um conjunto de princípios e estratégias que permitem à criança desvendar, através de dados linguísticos primários produzidos em seu ambiente social, as regras de sua gramática. Conforme Pereira (1994, p. 928), a faculdade de linguagem funciona em todo ser

humano, mesmo naquele afetado por estados patológicos sérios ou por problemas de ordem sensorial (como a cegueira e a surdez).

Assim sendo, percebe-se que tanto as crianças surdas, quanto as ouvintes nascem dotadas de uma Gramática Universal e, ao serem inseridas no universo sócio-cultural adequado, apreenderão naturalmente sua língua. Entretanto, observa-se que a maior parte das crianças surdas, especificadamente no município de Santo Antônio de Jesus-BA, ingressa na escola sem adquirir a linguagem; o que atrasa e, algumas vezes, compromete o processo de aquisição da escrita. Mas, a que se deve tal fato?

Certamente, este problema não se atribui a um distúrbio linguístico-cognitivo. Na verdade, o que acontece é que boa parte dos deficientes auditivos são filhos de pais ouvintes. Como estes utilizam uma língua distinta à língua de sinais, os filhos acabam não recebendo o *input* necessário para a marcação dos parâmetros da sua língua materna. Assim, a forma de comunicação desses indivíduos acaba se limitando à utilização de gestos. E apenas, por meio de instituições, como escolas especiais e igrejas, é que os surdos terão acesso à língua de sinais; apresentando dificuldades tanto para aprendê-la, quanto para compreender uma segunda língua.

Isso ocorre porque, segundo a teoria chomskyana, há um período crítico para a aquisição da linguagem – a infância, fase em que a GU está disponível – e após este período a linguagem não será mais apreendida de forma natural, e sim aprendida.

Assim, se uma criança surda puder aprender a língua de sinais mais cedo, ela terá mais facilidade em aprender a língua oral/auditiva da comunidade ouvinte.

A depender da modalidade de percepção e produção, uma língua pode ser classificada em oral-auditiva ou visuoespacial.

Os surdos adquirem naturalmente a linguagem por meio da percepção visual e produção gestual, isto é, pela língua de sinais. Esta não é uma língua universal derivada da gestualidade espontânea dos que a utilizam; é uma língua natural. Segundo Chomsky *apud* Lions (1987, p. 20), língua natural é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, finitas e construídas a partir de um conjunto finito de elementos.

A LIBRAS, como toda língua natural, possui estrutura gramatical específica em cada uma das diversas comunidades que a utilizam. Em LIBRAS, os sinais são constituídos pela combinação de parâmetros fonético-fonológicos: configuração de mãos, movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não-manuais. Esses parâmetros não apresentam significação isoladamente, mas são capazes de estabelecer distinções entre os sinais, pois, ao se relacionarem, produzem significados e compõem os morfemas e sinais da língua. Segundo Quadros,

As línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfologicamente complexas. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização. (KLIMA; BELLUGI apud QUADROS, 2004, p. 87).

Assim, nota-se que o léxico da língua de sinais brasileira é constituído de forma bastante peculiar. Enfatizando esse aspecto, Quadros (2004, p. 35) coloca que a LIBRAS apresenta uma riqueza de expressividade diferente das línguas orais; incorporando, por exemplo as conjunções e preposições na estrutura dos sinais através de relações espaciais. Nesse sentido, observa-se que a língua brasileira de sinais constitui-se numa língua completa com estruturas independentes da língua oral, possibilitando aos seus utentes a comunicação e a interação com o universo sócio-cultural de maneira bastante eficaz.

MATERIAL E MÉTODOS

Com o objetivo de identificar as principais alterações morfossintáticas apresentadas pelos deficientes auditivos no processo de aquisição da escrita e investigar as possíveis explicações para a ocorrência das mesmas; a

presente pesquisa contou com um *corpus* de 14 produções textuais de 7 alunos da Escola Lions Clube C. L. Aurélio Pires¹⁸.

Para o delineamento do perfil dos informantes desta pesquisa, foi aplicado um questionário à diretora da escola, solicitando-lhe algumas informações acerca dos alunos. Os resultados obtidos foram sistematizados na tabela 01.

Tabela 01- Distribuição (%) dos alunos conforme série, faixa etária, grau de surdez e maneira como a adquiriram, filiação e grau de fluência em Língua Brasileira de Sinais

SÉRIE	NÚMERO DE ALUNOS	FAIXA ETÁRIA	GRAU DE SURDEZ		FORMA DE AQUISIÇÃO DA SURDEZ		FILIAÇÃO		GRAU DE FLUÊNCIA EM LIBRAS		
			Leve / moderada	Severa / Profunda	Congênita	Adquirida após o nascimento	Filhos de surdos	Filhos de ouvintes	Muito pouco	Regular	Bastante
Alfabetização	21 (58%)	07 a 13 anos	-	21 (58%)	21 (58%)	-	-	21 (58%)	21 (58%)	-	-
1 ^a	13 (36%)	12 a 41 anos	-	13 (36%)	12 (33%)	01 (3%)	-	13 (36%)	05 (14%)	08 (22%)	-
5 ^a 19	02 (6%)	19 a 23 anos	-	02 (6%)	02 (6%)	-	-	02 (6%)	-	01 (3%)	01 (3%)

Para a sistematização deste trabalho, foram escolhidos 7 informantes (nomeados respectivamente de A a G). A seleção destes tentou contemplar alunos com diferentes características, para, então, verificar-se se estas diferenças também ocorrem na escrita. Sem dúvida, a variante mais

¹⁸ Esta instituição de ensino fica localizada na rua Tenente Coronel Bandeira Melo s/n, no município de Santo Antônio de Jesus-BA e, desde 1992, realiza um trabalho voltado especificadamente para os alunos portadores de necessidades educacionais especiais, dentre eles os surdos. Das 13 turmas que a escola oferece, 3 (2 no turno matutino e 1 no turno vespertino) são destinadas a um total de 36 estudantes surdos. Estes últimos são orientados pelas docentes Nelísia Nonato Nery e Selma Santos Santana, que possuem curso de aperfeiçoamento em deficiência auditiva.

significativa é o grau de fluência em LIBRAS. A partir deste aspecto, constatou-se a existência de três grupos: 1) alunos que ainda não dominam a LIBRAS (dos quais foram selecionados quatro: A, B, C e D); 2) alunos que dominam um pouco a LIBRAS (dos quais foram escolhidos dois: E e F); 3) alunos que dominam completamente a LIBRAS (um aluno, denominado G). A tabela 02 ilustra essa segmentação.

Tabela 02 - Distribuição (%) de alunos conforme o grau de fluência em Língua Brasileira de Sinais

SÉRIE/ NÚMERO DE ALUNOS	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
	Pouca fluência	Fluência regular	Bastante fluência
Alfabetização/ 21 alunos	21 (58%)	-	-
1ª série/ 13 alunos	05 (14%)	08 (22%)	-
5ª série/ 02 alunos	-	01 (3%)	01 (3%)
Total/ 36 alunos	26 (72%)	09 (25%)	01 (3%)

Certamente, a delimitação desses grupos e a coleta do *corpus* da pesquisa foram de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que auxiliaram na comprovação da hipótese de que, se, por um lado, as línguas de sinais podem interferir negativamente na produção escrita em sua estrutura superficial, por outro, contribuem para a obtenção de coesão e coerência textuais, isto é, contribuem para a estruturação profunda do texto (cf. SANTOS, 1994, p. 944).

¹⁹ Quanto a estes alunos, é válido ressaltar que estudam em tempo integral, ou seja, um turno na escola regular e outro na escola especial (onde treinam a comunicação por meio da língua de sinais e tiram as dúvidas sobre os conteúdos trabalhados na escola regular).

A aquisição da língua de sinais pelo surdo é indispensável para a aprendizagem escrita de uma língua oral-auditiva. Quanto maior o grau de proficiência em sua língua natural, menos dificuldades ele terá para adquirir a linguagem escrita. Tal aspecto foi comprovado nesta pesquisa, através da análise de textos de alunos com diferentes graus de fluência em Língua Brasileira de Sinais: pouca fluência, fluência regular e bastante fluência; encaixados respectivamente nos grupos 1, 2 e 3.

Quanto aos alunos do primeiro grupo, observa-se que estes possuem pouco tempo de uso da língua de sinais, pois são filhos de ouvintes e têm poucos anos de escolarização. Como consequência disso, ainda não sabem ler, nem escrever; e sozinhos conseguem no máximo articular algumas palavras, conforme mostra o quadro 01 abaixo:

Quadro 01 - Produções escritas por alunos do grupo 1

Texto produzido por A	Texto produzido por B	Texto produzido por C	Texto produzido por D
O gato de foi Ele gato e	O gato e fela felo e	O gata e Eu gata e	O gato ill faio E alle gata

Percebem-se, nestas construções, a ausência de palavras para a coerência textual, a falta da concordância de gênero, a presença de palavras que não pertencem ao português.

Quanto aos alunos do grupo 2, nota-se que, embora estes não dominem totalmente o sistema da língua de sinais brasileira, já conseguem articular melhor suas ideias tanto através da modalidade gestual-visual, quanto por meio da escrita, se comparados aos estudantes do primeiro grupo. Todavia apresentam diversos “erros” na estrutura morfossintática, como pode ser verificado nos textos escritos por E e F (em anexo). As principais alterações morfo-sintáticas foram enumeradas a seguir:

Quadro 02 - Principais alterações presentes na escrita de alunos do grupo 02

Principais alterações presentes na escrita de E	Exemplos
Modificação da estrutura sintática SVO	Todo o texto
Troca de fonemas	“quelia” por “queria”
Principais alterações presentes na escrita de F	Exemplos
Aglutinação de palavras	“ateti” (l. 9)
Dificuldade em flexionar alguns verbos	“aror” (l.4), “denar” (l. 10)
Supressão de sílaba nos vocábulos	“eporavam” por “evaporavam”(l.2)
Troca de fonemas	“felnou” por “pensou” (l. 4). “lonto” por “tonto” (l. 8)
Troca e acréscimo de fonemas	“perlogas” por “pérolas” (l. 2), e “fabeti” por “floresta” (l. 8)
Utilização de palavras com significados distintos do usual em língua portuguesa	“regou” (l. 5) e “rezar” (l.6)

No entanto, observaram-se nestes textos alguns aspectos que contribuem para sua gramaticalidade, como a presença de alguns elementos coesivos e a marcação correta da flexão de gênero.

Fica evidente, então, uma importante distinção entre os alunos do grupo 1 e os do grupo 2. A comunicação dos primeiros limita-se à utilização de substantivos, adjetivos e pronomes. No entanto, para a articulação dessas classes, é necessária a intermediação dos verbos, conjunções e preposições, ainda desconhecidos ou mal empregados por esses alunos. Assim, a comunicação torna-se fragmentada. Contudo, a transmissão de ideias pelos alunos do segundo grupo é mais coerente, pois conta com a utilização dos elementos coesivos e dos verbos para a intermediação dos enunciados. Segundo Santos (1994), isso ocorre porque a língua de sinais fornecerá mecanismos para estabelecer uma coerência profunda (intenção comunicativa) que serão transferidas para a língua oral, alvo do ato de escrever.

Com efeito, o domínio da língua de sinais é fundamental para a aquisição da escrita. Nota-se que o aluno do grupo 3, denominado G, consegue comunicar-se com bastante eficácia. Seus 8 textos (em anexo), coletados para esta pesquisa, podem ser facilmente compreendidos por qualquer usuário da língua portuguesa. Alguns equívocos estão presentes nestes textos, mas não comprometem sua significação. As principais alterações observadas foram enumeradas no quadro a seguir:

Quadro 03 - Principais alterações presentes na escrita de G (grupo 3)

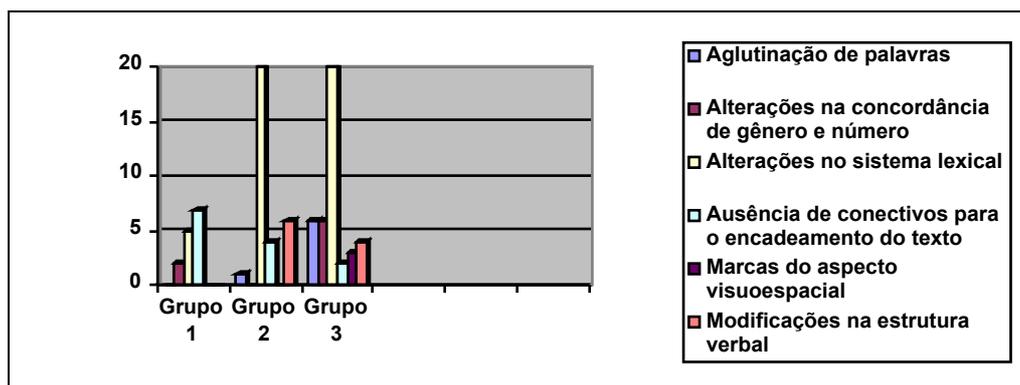
Principais alterações presentes na escrita de G	Exemplos	Comentários
Aglutinação de palavras	“consideradapor” (texto 6), “depulso” e “paramostra” (texto 9), “oupresentear” (texto 10).	A maioria das aglutinações presentes nos textos de G são de preposições ou conjunções a verbos. Provavelmente isso ocorre pelo fato de que, na LIBRAS, a preposição é, muitas vezes, incorporada à estrutura dos verbos.
Alterações na concordância de gênero	“uma fruto” (texto 3), “objeto meio redonda” e “ a lâmpado” (texto 7), “cerca da 15” (texto 8)	Em LIBRAS, os nomes mantêm a forma neutra. Desse modo, os surdos apresentam, na aquisição da escrita do português, dificuldades na concordância de gênero e número.
Alterações na concordância de número	“ é os motoristas (texto 8), na paredes (texto 9).	
Alterações no sistema fonológico	“Côncias” (texto 4), “Aminha” (texto 6), “servre” e “ultilizar” (texto 9), “Comenajear” (texto 10).	As mudanças no sistema fonológico e na ortografia das palavras ocorrem com bastante frequência tanto nos

Alterações ortográficas	“assidente” (texto 8), “nesseitava” (texto 5)	textos de G, como nas produções de qualquer pessoa em fase de aquisição da escrita. Elas revelam o caráter singular de o indivíduo refletir acerca da língua.
Ausência de elementos de ligação	“...elas usam, encaixa a lâmpado em um certo lugar chamado bocal, dura...” (texto 7)	Em LIBRAS, os conectivos e o verbo SER não se apresentam, na maioria das vezes, explícitos. Esse aspecto é transferido para a escrita do português.
Ausência do verbo ser	“Um homem batalhador” (texto 5)	
Marcas do aspecto visuoespacial	gravuras contidas nos textos 7,8.	A LIBRAS valoriza o aspecto visual. Nesse sentido, é mais fácil para o surdo expor suas ideias através de imagens do que por palavras escritas.
Modificações na flexão verbal	“gosta” por “gosto” (texto 4), “evitando” por “evitar” (texto 8), “mostra” por “mostrar” (texto 9).	Na língua em questão, alguns verbos possuem afixos de concordância, outros não. Isso atrapalha o aluno no momento da escrita do português
Segmentação de palavras	“proble mas” por “problemas” (texto 6)	A segmentação ocorre provavelmente pelo fato de o aluno não dominar as regras de acentuação do vocábulo fonológico em língua portuguesa.

Todos esses equívocos comprovam que há um reflexo da Língua de Sinais Brasileira na produção escrita dos alunos surdos. O gráfico 1 também

exemplifica que os principais tipos e frequências de alterações que auxiliam a coesão e coerência textual variam de acordo com o grau de fluência dos alunos em LIBRAS.

Gráfico 01 - Distribuição dos principais tipos e frequências de alterações presentes nas produções escritas de alunos surdos, conforme o grau de fluência em LIBRAS



Também não se pode deixar de levar em consideração a questão do Bilinguismo. A aprendizagem da língua portuguesa (em sua modalidade escrita) é a aquisição de uma segunda língua. Portanto, esta não é adquirida naturalmente pelo surdo, mas é resultante de um processo gradual de aprendizagem que ocorrerá com base no conhecimento internalizado do funcionamento de uma língua natural. Assim sendo, quanto mais proficiente em sua língua materna, mais fácil será para um deficiente auditivo produzir textos coerentes e coesivos em uma segunda língua.

CONCLUSÕES

O presente trabalho buscou investigar o processo de aquisição da língua portuguesa escrita pelos deficientes auditivos, voltando-se para a realidade educacional no município de Santo Antônio de Jesus-BA. A partir da análise do *corpus* coletado, ficou constatado que ocorrem algumas alterações morfossintáticas na produção escrita desses alunos e que elas são um reflexo da Língua Brasileira de Sinais.

Mas é preciso reconhecer que essas irregularidades linguísticas não são decorrentes de uma patologia, mas representam a capacidade desses indivíduos em refletirem a respeito da linguagem, associando-a muitas vezes à sua língua natural.

Sem dúvida, a análise dessas questões foi bastante inovadora e apresentou ampla contribuição sócio-cultural. Entretanto, este trabalho não tem a pretensão de finalizar as discussões sobre o tema, visto que novas informações poderão ser acrescentadas.

É necessário que a escola e a sociedade tenham como objetivo primordial buscar a consolidação do respeito às diferenças, conquanto não elogiem a desigualdade e a exclusão. As diferenças, sobretudo linguísticas, devem ser vistas não como obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas como grandes fatores de enriquecimento.

ANEXOS:

Texto 1 (produzido por E) :

Relica Maria geilíca situiyedes de zico riangia quelia sofá

Texto 2 (produzido por F):

Era uma vez dois trafelnos, Mirime e gissitar. Os dos trafelnos eporavam longe das perlogas Um masto, porém, um dos trafelnos, mirimi, felnou que remalia rizar e aror uma perloga. gissitar felnou regou, mas nada. Mirimi estava teruado: ele remalia rezar e aror uma perloga. Mo masto do fabeti, . mirimini rizou muito lonto. No meio do fabeti, proceu gissitar e os dois rizaram ateti. gissitar não remalia denar mirimi.

Textos produzidos por G:

Texto 3:	Texto 4:	Texto 5:	Texto 6:
Maça é uma fruto muito linda e tem um sabor delicioso.	Eu gosta muito de Côncias e Arte. Por que Côncias emsima a conhecer o mundo.	Era uma vez um polue homem umpabre catador de lixo Que para se sustentar nesseatava	Aminha era consideradapor seus famili-ares uma pessoa com proble mas mentais, uma pessoa de

		desse trabalho. Um homem batalhador.	ideias
<p>Texto 7:</p> <p>Lâmpada é um objeto é meio redonda e o Comprido assim (desenho) às pessoas usam para iluminar as casa, elas usam, encaixa a lâmpado Em um certo lugar chamado bocal, dura uma faixa Etária de 6 meses se não queimar.</p>	<p>Texto 8:</p> <p>Semáforo o objeto é grande quadrado com três círculos no meio assim (desenho), que usa este objeto é os motoristas, usam respeitando as cores do sinal serve para controlar os motoristas e evitando assidente para mudar às cores e cerca da 15 minutos.</p>	<p>Texto 9:</p> <p>Relógio este objeto tem grande que é o de parede e o pequeno que e depulso, as pessoas que usam, usam no braço e outro na paredes das casas, serve para mostra as horas, não há tempo basta saber utilizar o relógio é a bateria que dura meses quando acaba a bateria o relógio para de funcionar ai coloca outra bateria.</p>	<p>Texto 10:</p> <p>Troféu é um objeto de vários tamanhos e formas, quem usa são as pessoas que fazem algum tipo de campeonato usam para Comenajear algumas pessoas, serve para eleger oupresentear pessoas, dura viávios tempos.</p>

REFERÊNCIAS

FELIPE, Tânia Amara. Bilinguismo – Alternativas para a educação de crianças surdas: Implicações teóricas e pedagógicas. In: **Curso de Aperfeiçoamento para Professores na Área de Deficiência Auditiva – Libras – Bilinguismo**, 2004.

PEREIRA, Maria Ângela Botelho; BRITO, Lucinda Ferreira. Língua de Sinais e Língua Materna para o Surdo. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL**. Caxambu, 1994.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Denize Vieira dos; BRITO, Lucinda Ferreira. Coesão e coerência em escrita de surdos. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL**. Caxambu, 1994.